



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 21/06/19

GLOBAL	2
FAO elevó a 3,638 millones el número de animales sacrificados en ASIA por PPA	2
BRASIL	2
Precios firmes por semana reducida	2
Consideran modificar el acuerdo sanitario con CHINA	2
Autoridades brasileñas esperan volver a EE.UU. en el segundo semestre.....	3
Industria de reciclaje de residuos animales	3
URUGUAY	4
Novillos gordos especiales superan los US\$ 4,05 en cuarta balanza	4
Carne en alza	4
MGAP recibió certificados sanitarios de Brasil y Argentina por importación de ganado en pie	6
INAC discutirá recomendación sobre competencia.....	6
PARAGUAY	7
Avances para acuerdo con UE: impacto para Paraguay	7
Buscan exportar carne porcina a Taiwán	7
La noche de la carne paraguaya en Taiwán	7
Paraguay será sede de la Conferencia de carne sostenible	8
UNION EUROPEA	8
Acuerdo con la Unión Europea se cerraría con cuota cárnica de 99.000 toneladas	8
Países de Europa “preocupados” por eventual acuerdo con el Mercosur	8
Irlanda no debiera ratificar el acuerdo sostiene IFA	9
CHINA abre su Mercado al REINO UNIDO y ALEMANIA	9
Carnes Galesas mejoran sus perspectivas de venta	10
Prevén incremento de £230 millones en exportaciones	10
Irlanda avanza en negociaciones con JAPON y COREA DEL SUR.....	11
BREXIT: aprueban fondo de €100m para productores agropecuarios de IRLANDA	12
ESTADOS UNIDOS	13
Oferta fluida de hacienda.....	13
Sequía no estaría impactando sobre el mercado.....	13
Mexico aprobó el Nuevo NAFTA	14
USMEF promocionó en UEArabes cortes alternativos y participó en ferias en VIETNAM y COREA DEL SUR	14
CHINA	16
Escasez de almacenamiento por incremento de importaciones de carnes porcinas	16
China mantendrá derechos sobre granos importados de EE.UU.	17
Demanda china incrementó las exportaciones de hacienda en pie de AUSTRALIA.....	17
NYANMAR – proveerán infraestructura para facilitar comercio de ganado con CHINA.....	18
VIETNAM: sacrificó 2.5 millones de cerdos para evitar avance de Peste Porcina Africana.....	18
EMPRESARIAS	18
Brasil Foods busca reorganizar el negocio cárnico y mejorar desempeño.....	18
Fitch elevó rating de JBS de “BB-” a “BB”	19
JBS invirtió R\$ 45 millones en establecimiento de MG	19
Empresa china Dakang evalúa proyecto ganadero em BRASIL.....	19
URUGUAY: Frigoríficos PUL y Tacuarembó no realizarán faenas en julio	20
BOLIVIA: Los frigoríficos solo aguardan informe de China para poder exportar carne	20



GLOBAL

FAO elevó a 3,638 millones el número de animales sacrificados en ASIA por PPA

18/06/19 - por Equipe BeefPoint A Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) informou que 3.638.592 suínos já foram eliminados em países asiáticos por causa da contaminação com a peste suína africana (ASF, na sigla em inglês). O número representa um incremento de 300 mil animais em relação ao levantamento anterior da organização, de 7 de junho.

Os dados da organização foram contabilizados até 14 de junho. Segundo a FAO, o balanço da entidade compila informações extraídas dos órgãos federais dos países.

A revisão para cima no volume de animais descartados em virtude da infecção com o vírus deve-se à elevação no número de casos identificados no Vietnã, que passou de 2,2 milhões de suínos para 2,5 milhões de suínos. No país, segundo o Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural local, a epidemia atingiu mais duas províncias, totalizando 56 regiões afetadas pela doença desde 19 de fevereiro.

A situação mais crítica, em termos de extensão, permanece sendo a da China, onde foi detectado um novo foco da doença, somando 139 focos em 32 províncias, incluindo a região administrativa de Hong Kong. Desde a identificação do surto, em agosto do ano passado, 1,133 milhão de animais foram eliminados, de acordo com dados divulgados pelo Ministério da Agricultura e Assuntos Rurais do país.

A Coreia do Norte permanece com um foco da doença identificado, desde 23 de maio, afetando uma província e levando à eliminação de 77 animais. Quanto à Mongólia, desde o primeiro caso detectado em 15 de janeiro, 11 surtos foram notificados em seis províncias e em uma cidade, levando à eliminação de 3,1 mil animais. No Camboja, 2,4 mil animais foram descartados, com um foco detectado em uma

Um dia a menos de compras colabora com a firmeza no mercado do boi

Os dados da FAO divergem das estimativas de mercado, por contabilizarem somente os números divulgados pelos órgãos oficiais de cada país.

BRASIL

Precios firmes por semana reducida

Sexta-feira, 21 de junho de 2019 - 06h00

Com um dia a menos de compra, devido ao feriado da última quinta-feira, o mercado trabalhou em ambiente firme durante essa semana.

As indústrias que precisam preencher as programações de abate para atender a demanda da semana que vem precisaram pagar mais pelo boi gordo.

As altas, na última quarta-feira, ocorreram em oito praças pecuárias, distribuídas entre Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e Pará.

A maior valorização foi na região Sul de Goiás, onde a cotação do boi subiu R\$2,00/@ frente ao levantamento anterior (18/6). As indústrias encontram dificuldade em adquirir matéria-prima e as escalas de abate atendem por volta de dois dias, o que explica o movimento dos preços.

Em São Paulo, a oferta de boiadas no estado está baixa, a maioria dos lotes disponíveis são pequenos e a média das escalas de abate está em torno de quatro dias.

Há indústrias paulistas com programações mais curtas que a média, ofertando preços acima da referência.

Consideran modificar el acuerdo sanitario con CHINA

17/06/19 - por Equipe BeefPoint Depois de ter sido obrigado a suspender, em caráter preventivo, as exportações de carne bovina para a China em consequência da confirmação de um caso "atípico" da doença da "vaca louca" em Mato Grosso, o Ministério da Agricultura quer revisar o protocolo sanitário firmado entre o Brasil e o gigante asiático.

O acordo em vigor exige que as exportações brasileiras sejam suspensas imediatamente sempre que for identificado um caso de "vaca louca", mesmo que seja em um animal de idade avançada que não tenha sido abatido e não tenha entrado na cadeia alimentar, como foi o recente caso mato-grossense.

Mas, sobretudo após esse episódio, no segmento de carnes ficou a certeza de o acordo assinado em 2015 na gestão da então ministra Kátia Abreu é desfavorável aos frigoríficos brasileiros.

"Vamos começar em breve as negociações para aperfeiçoar o acordo sanitário com a China, porque ele tem muitas falhas", disse ao Valor o secretário de Relações Internacionais do Ministério da Agricultura, Orlando Leite Ribeiro.

Uma dessas "falhas", no entendimento do governo e da iniciativa privada, envolve a exigência de suspensão imediata dos embarques. De acordo com o secretário, o protocolo não especifica como deve



ser o procedimento para levantar o embargo temporário e nem estipula prazos para a retomada do comércio.

Na quinta-feira, a ministra da Agricultura, Tereza Cristina, anunciou que Pequim autorizou os frigoríficos brasileiros a retomarem os embarques para a China. O secretário de Defesa Agropecuária do ministério, José Guilherme Leal, esteve na capital chinesa com o objetivo de acelerar esse processos de reabertura. Nesta sexta-feira, porém, o GACC, serviço sanitário do governo chinês, comunicou o Ministério da Agricultura do Brasil que as carnes produzidas que tenham obtido certificado sanitário internacional durante o período do embargo temporário – entre 3 a 13 de junho – não poderão ser embarcadas para a China.

Autoridades brasileiras esperan volver a EE.UU. en el segundo semestre

17/06/19 - por Equipe BeefPoint O Ministério da Agricultura espera que os Estados Unidos levantem ao longo do segundo semestre o embargo às exportações brasileiras de carne bovina in natura, que já dura dois anos. A missão sanitária americana que está no Brasil visitando frigoríficos para avaliar a reabertura do mercado terminará seus trabalhos no próximo dia 28.

Técnicos do Departamento de Agricultura dos EUA (USDA) chegaram na segunda-feira passada no Brasil para inspecionar plantas de seis Estados: São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul. Também serão auditados laboratórios da rede pública federal e haverá visitas às regionais do serviço de inspeção animal nacional e reuniões na sede do Ministério da Agricultura em Brasília.

O resultado da missão é muito aguardado pelos frigoríficos brasileiros, que estão desde junho de 2017 sem exportar carne fresca aos EUA. O país suspendeu os embarques após detectar abscessos (inflamações) em carregamentos de carne bovina provenientes do Brasil. O então ministro da Agricultura, Blairo Maggi, fez uma série de tentativas para retomar as vendas, mas todas fracassaram.

Agora, a expectativa da Agricultura é que a aproximação diplomática do governo Bolsonaro com Washington agilize o processo. Esforços nesse sentido foram incluídos em comunicado conjunto dos presidentes Donald Trump e Jair Bolsonaro em março na capital dos EUA. Na ocasião, a ministra da Agricultura, Tereza Cristina, também se reuniu com o secretário do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), Sonny Perdue, quando foi negociada a vinda da missão.

“A missão está transcorrendo bem e os sinais que tivemos até agora são positivos”, disse ao Valor o secretário de Relações Internacionais do Ministério da Agricultura, Orlando Leite Ribeiro. “O ideal é que a retomada venha no segundo semestre”, acrescentou.

Ribeiro explicou, no entanto, que o processo de reabertura tem que respeitar um cronograma. Após a auditoria, o serviço sanitário americano ainda terá que produzir um relatório sobre a missão no Brasil, e Perdue terá que analisá-lo para dar uma resposta ao Ministério da Agricultura do Brasil.

Tereza Cristina tem reiterado que não há mais pendências sanitárias em torno do assunto e que o fim do embargo depende apenas da missão e das negociações finais entre os governos dos dois países. Até o início do ano, a vinda de auditores a frigoríficos brasileiros não estava no radar – porém, Washington alertou que a última inspeção já havia completado um ano e que seria preciso uma nova auditoria in loco. Embora sejam grandes produtores de carne, os EUA têm um importante mercado potencial, sobretudo para os cortes dianteiros do Brasil, muito demandados para a produção de hambúrguer.

Industria de reciclaje de residuos animales

17/06/19 - por Equipe BeefPoint Acostumado a privilegiar cortes nobres, o consumidor, em geral, desconhece uma indústria que ajuda a evitar doenças e a reduzir impactos no ambiente. Depois do abate e da separação das carnes nos frigoríficos, há uma série de “sobras” que precisam sair de frigoríficos e açougues, como gorduras, ossos, carcaças, vísceras e penas.

O trabalho desenvolvido pela indústria da reciclagem animal é pegar esse material, que só pode ser descartado diante de uma série de cuidados, e transformá-lo em novos produtos, que voltam ao mercado: são feitas farinha de carne, de ossos e de sangue, óleos, gorduras, gelatina e colágeno.

Júlio Barcellos, coordenador do Núcleo de Estudos em Sistemas de Produção de Bovinos de Corte e Cadeia Produtiva (Nespro), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), explica que normalmente as empresas terceirizam os serviços, mas há grandes frigoríficos que fazem parte do trabalho e vendem o excedente para as indústrias de reciclagem.

Os produtos são utilizados por diversos setores: farmacêutico (para cápsulas de medicamentos, vacinas e antibióticos), construção civil (em tintas, corantes e resinas), automotiva (para pneus e borrachas) e até esportiva (em suplementos de atletas). Ração animal, sabonetes e até perfumes e maquiagens usam o material.

O presidente executivo da Associação Brasileira de Reciclagem Animal (Abra), Decio Coutinho, exemplifica que 28% do biodiesel produzido no país em 2018 utilizou gordura animal como insumo.



— Para a indústria, nossa matéria-prima é lixo, mas ela precisa tirar (o lixo) de lá. O sistema de abate em escala não seria possível sem a reciclagem. Então, um sempre vai depender do outro — diz Coutinho, que falou sobre o assunto na 14ª Jornada Nespro, na última terça-feira, e na sexta-feira, no 16º Agrimark Brasil, do I-Uma, ambos em Porto Alegre.

Iniciativa reduz custos e evita poluição do ambiente

Segundo o dirigente, muitos produtores se assustam quando percebem que o animal criado retorna como alimento para outros animais. Se o tema é desconhecido para parte dos pecuaristas, está mais distante ainda do público urbano. Esse é justamente um dos objetivos para os próximos anos: fazer o serviço ser mais próximo das pessoas.

— É um mercado que beneficia a sociedade como um todo. Sem a reciclagem, o material iria, possivelmente, para aterros sanitários, o que traria mais custos e poderia poluir solo, ar. Além das doenças que poderiam ser transmitidas — explica Coutinho.

O dirigente ressalta que a matéria-prima vem de estabelecimentos fiscalizados por autoridades sanitárias oficiais.

No país, em 2018, foram processados 12,5 milhões de toneladas de resíduos, empregando cerca de 54 mil pessoas. O Produto Interno Bruto (PIB) do setor, segundo a associação, chegou a R\$ 8 bilhões. O RS está em terceiro entre os Estados com maior número de empresas instaladas no ramo de reciclagem — são 15 em solo gaúcho, conforme a entidade. Santa Catarina e Paraná aparecem como os primeiros da lista.

Do total fabricado no país, apenas 3,5% vai para exportação. Mas a Abra projeta crescimento para 2019 e vem discutindo uma possível abertura ou reabertura de mercado com 13 países. Vietnã e Chile, que utilizam os produtos na ração de pescado, são importantes compradores.

Resíduo por animal

(em percentual do total de peso)

Pescado – 45%

Bovino – 38%

Suíno – 20%

Aves – 24%

Fonte: Abra

Exportação também é o foco do Grupo Fasa, um dos principais do ramo no país, com origem no Rio Grande do Sul. Segundo o diretor comercial, Robinson Henrique Huyer, a empresa, que tem quatro unidades no RS, recolhe material em cerca de 5 mil pontos no Estado — há outras plantas espalhadas em SC, MG e MS:

— É um mercado que vem crescendo. Nosso principal desafio é a exportação: hoje 30% do que produzimos vai para fora, principalmente para o Chile e países da Ásia.

O grupo coloca 50 mil toneladas de produto no mercado interno por mês. Os resíduos se transformam em farinhas — como de carne, ossos, sangue e penas —, óleos, graxa e sebo.

URUGUAY

Novillos gordos especiales superan los US\$ 4,05 en cuarta balanza

18/06/2019 - Las vacas superan los US\$ 3,85. Los precios del ganado gordo continúan con una tendencia alcista, marcado por los “importantes niveles de faena” para la época del año que se registran semana a semana, comentó a Rurales El País Carlos De Freitas, director Carlos De Freitas & Cía.

El consignatario explicó que en estos momentos “hay un abanico de valores muy amplio en todas las categorías”, sin embargo señaló que el novillo especial y bien terminado, con una carcasa de 260 kilos, supera los US\$ 4,05 el kilo a la carne.

Dijo que es la categoría “más buscada por la industria” por las bondades del animal y sus cortes. Además comentó: “Uno o dos camiones de novillos de muy buena terminación ya representa un volumen importante de esta categoría de ganado”.

En el caso de la vaca especial, que cumple con condiciones similares a los novillos y con una carcasa arriba de los 230 kilos, logra referencias superiores a los US\$ 3,85 en cuarta balanza. A futuro, el mercado “va a estar determinado por el volumen de faena”, destacó.

Carne en alza

15/06/2019 Crece la demanda de carne y es muy buena noticia. Pero la oferta es acotada y los precios suben. Los frigoríficos están preocupados por la exportación en pie y los carniceros por el precio al público. Pero lo clave es que estén bien los productores, que sostienen a todo el sector.

De tan bueno que es el escenario, algunos integrantes de la cadena cárnica están preocupados. El relativamente bajo nivel del stock coincide con una mayor disponibilidad de tierra, pasto y comida, por la



reducción del área agrícola y -al mismo tiempo- por la excelente cosecha de maíz. Por si fuera poco, el otoño se muestra particularmente benigno con temperaturas altas y buena agua, y se pronostica que el invierno puede ser amigable (veremos). Esto ha hecho 'volar' los precios del ganado de campo, con valores récord y colocación total en los últimos remates por pantalla.

Al mismo tiempo, la creciente demanda de China ha tenido una reafirmación con la crisis de la fiebre porcina, por la que el gigante asiático deberá importar más carne de la prevista, una verdadera "aspiradora" que exige al máximo la producción de los países proveedores.

El escenario es inmejorable, pero también pone a prueba la capacidad de respuesta de la ganadería uruguaya, eslabón por eslabón, con el riesgo de que alguno se tense más de lo debido y se rompa. La industria está cubriendo la creciente demanda con compras de ganado a precios cada vez más altos, apoyándose en la oferta del ganado terminado a corral. Así, el precio del ganado está alcanzando niveles récord para los últimos 6-8 años: el novillo para faena va expreso a los 4 U\$/kg, mientras el ternero se acerca a los 2,5 U\$/kg promedio y con ganas de seguir de largo.

El problema sanitario en China está aumentando los precios de la carne en todo el mundo. Brasil volvió rápidamente a exportar, luego de una suspensión transitoria por un caso de vaca loca. Y la industria local tiene miedo de que irrumpa nuevamente la demanda de ganado en pie, que le quite base a la oferta de ganado para faena. De hecho, las altas exportaciones de 2017 y 2018 (330 y 400 mil cabezas) harán que la oferta para faena a partir del año próximo y siguientes sea más acotada, lo que pone a la industria en una situación difícil: sin suficiente volumen, con competencia entre plantas y sin posibilidad de importar ganado por cuestiones sanitarias, la faena -muy probablemente- se va a reducir. Por eso, los frigoríficos han planteado su preocupación a nivel gubernamental y el ministro Benech -con buen criterio- pidió a INAC asesoramiento y análisis de este asunto. Se elaboró un informe que está en plena discusión.

En efecto, los niveles recientes de exportación en pie fueron intensos, mirados en términos históricos. Sin embargo, siguen siendo un porcentaje modesto de la extracción total (relación entre ventas en pie + faena, respecto al stock) (gráfica). Se argumenta que la extracción de los últimos años (25% en 2018) supera la extracción de equilibrio (la capacidad de reponer) y es cierto. Pero ahora la exportación en pie mermó y la extracción -seguramente- se ajustará.

En el sector hay quienes argumentan que la exportación en pie no ha promovido ni el aumento del stock total, ni el de vacas de cría, ni el aumento en la oferta de terneros. A mi juicio, son conclusiones apresuradas: la ganadería tiene evolución lenta (un parto cada 12 meses) y las circunstancias climáticas y de mercado varían año a año. Un sector ganadero con buena demanda y garantías para los criadores de que podrán vender su producto al mejor postor, seguramente mejorará los indicadores mencionados, a mediano plazo.

La exportación en pie fue positiva para la cría (que incluye muchos productores medianos y chicos en todo el territorio) y apuntaló la base productiva del sector. Por supuesto que para la industria todos estos movimientos preocupan, pero no hay que perder de vista que en el negocio cárnico la mayor parte del valor agregado está antes del frigorífico, en la cría y la invernada (entre 70 y 80% del total) (gráfica).

Uruguay tiene un excelente conjunto de plantas frigoríficas, pero también de establecimientos ganaderos de punta. Lo que sucede es que -consciente o inconscientemente- se valor más la transformación industrial que la cría y recría de animales, sin razón: cualquiera de esas actividades es genuina y merece la misma consideración; no se justifica someter una al servicio de la otra. Exportar terneros no es "perder" valor agregado. Si hay razones estratégicas para mantener (más allá de lo actual) las exportaciones de carnes y el empleo industrial, que no se haga a costa de los criadores. Aún en un escenario de exportaciones en pie tan altas como las de 2018, el cumplimiento de las cuotas especiales de exportación de carne no está en riesgo.

También se plantea que con más exportación de terneros en pie se corre el riesgo de bajar la calidad de la carne exportada (menos novillos de punta). Es posible, pero también es relativo: la creciente demanda china está valorando cosas que -hasta hace poco- tenían precio muy bajo: recuperos, huesos, etc., productos 'baratos' para nuestra cultura, muy valiosos para la de ellos. Machos o hembras, todo se valora más.

El problema de fondo es que Uruguay tiene serios problemas de competitividad que están complicando a las industrias manufactureras: cuanto más empleo involucrado, más dificultades. No es un problema solo de la industria frigorífica: también están en crisis las curtiembres y otras industrias que no tiene que ver con la ganadería. La causa no son las exportaciones en pie: la preocupación por el empleo industrial es genuina y compartible, pero vincular eso a la exportación en pie es errarle por mucha distancia. ¿Cómo está la productividad en las plantas? ¿El ausentismo? ¿Es efectivo el seguro de paro rotativo especial, o está afectando la competitividad? ¿Y la política comercial? ¿Y los costos de la energía? Nada de esto tiene que ver con los terneros que -si son tan valiosos- pues habrá que pagarlos más. Si el riesgo es un nuevo empuje de exportación en pie ¿el sector no los va a 'pelear', ofreciendo más precio? Preguntas que hay que responder antes de plantear cualquier restricción a la exportación en pie sin fundamento.



¿Y el mercado local? Otra derivación que ha tenido la fuerte suba del precio del ganado es el aumento en la carne al público, que suele destacarse con mayor estridencia que cuando la carne baja. Hoy el aumento del ganado -cuyo precio cotiza en dólares- coincide con una suba relevante del dólar, que agrega otro factor alcista. De todas formas, más allá de circunstancias transitorias, el precio de la carne históricamente ha acompañado el IPC, es decir, mantiene su valor real, tal como mostró el INAC esta semana.

¿Puede esto cambiar? La demanda externa es potente y es posible que ingresemos en un escenario de precios mayores de la carne al público. La carne vacuna tiene una ponderación de casi 4% en el Índice de Precios del Consumo (IPC), llegando a 7% considerando todas las carnes (vacuna, pollo, cerdo, ovina). Por tanto, el aumento de la carne vacuna puede incidir en la inflación, por efecto directo e indirecto: el pollo (que venía estable o en baja) ahora subió, tendencia lógica al ser producto parcialmente sustituto. De todas formas, el asunto no es para alarmar: el consumo medio de carne vacuna de los uruguayos es récord mundial, por lo que un cierto descenso no parece grave. Si el bolsillo aprieta, hay cortes más populares y económicos con la misma calidad nutritiva que las pulpas más caras. Por otra parte, es habitual (como sucede esta semana) que las grandes cadenas de supermercados ofrezcan cortes de oferta para atraer público. El marketing -por suerte- también juega. Uruguay tiene un problema con la inflación, que hace rato no está en el rango meta del BCU. Pero eso no es por la carne.

MGAP recibió certificados sanitarios de Brasil y Argentina por importación de ganado en pie

20 de junio de 2019 Ya se encuentran en Uruguay los certificados sanitarios enviados desde Brasil y Argentina necesarios para oficializar la importación de ganado en pie desde la región.

Los documentos -recientemente llegados Uruguay- serán estudiados por técnicos de la Dirección de Servicios Ganaderos en los próximos días. A partir de eso se evaluará la necesidad -o no- de solicitar información adicional, adelantó a Ganadería.uy una fuente ministerial.

Se trata de la última instancia en el proceso de habilitación para la importación de ganado desde los países vecinos con destino exclusivo a consumo interno.

La documentación tiene que certificar los aspectos sanitarios incluidos dentro de los protocolos entre países, además de algunas consideraciones técnicas específicas, por ejemplo, vinculadas a las diferencias entre las campañas sanitarias en la región, explicó la fuente. Aunque no arriesgó una fecha exacta, estimó que el estudio de los documentos que no demoraría más de dos semanas.

“El ganado que venga a faena no puede ir a planta exportadora porque ese ganado no puede ser exportado. Son todas cláusulas que tenemos que hacer una vez firmado el certificado para el que vaya a importar tenga las cosas claras”, señaló.

En paralelo a esto, hay cláusulas en los protocolos firmados con China, con Japón, y otros mercados que también condicionan la operativa, que no forman parte de los certificados sanitarios, sino que refieren a procedimientos internos.

La diferencia de precios del ganado gordo en la región genera un atractivo para el negocio. El novillo gordo especial en Uruguay alcanzó los US\$ 4,02 en cuarta balanza en la última referencia de ACG. Muy por encima de los US\$ 2,61 de Brasil, de acuerdo al Índice Esalq del Centro de Estudios Avanzados en Economía Aplicada (Cepea), de la Universidad de San Pablo. Y también arriba de los US\$ 2,73 por kilo que cotiza en Argentina.

INAC discutirá recomendación sobre competencia

14/06/2019 - Tras investigación del precio de la carne durante casi tres años.

Esta semana, El País publicó que la Comisión de Promoción y Defensa de la Competencia concluyó un análisis sobre el mercado de la carne en los últimos dos años y medio ante la hipótesis de la “celebración de acuerdos posiblemente ilegales” para fijar los precios. En el mismo hacía una recomendación al Instituto Nacional de Carnes (INAC), que ya la recibió y la estudiará,

En base a información publicada sobre ajustes del precio de la carne, la comisión analizó la situación porque “permite presumir que este mercado no estaría funcionando adecuadamente en lo relativo a la libre competencia en los diversos eslabones de comercialización y que la fijación de los precios podría responder a la celebración de acuerdos posiblemente ilegales”.

Por eso, resolvió el 1º de setiembre de 2016 “iniciar una medida preparatoria, consistente en el estudio del mercado de la carne, en particular referido a la formación de precios y la posible existencia de acuerdos entre competidores y con intervención de entidades gremiales”, según la resolución de este órgano desconcentrado del Ministerio de Economía.

La comisión finalmente concluyó días atrás que “no surgen hipótesis que permitan relacionar los movimientos de precios con conductas contrarias a la competencia”.

“Sin embargo, desde el punto de vista de defensa de la competencia y el funcionamiento de un mercado, sería deseable la no existencia de anuncios de precios por parte de agente alguno incluidas asociaciones, en la medida que estos puedan afectar uno de los elementos claves de la competencia entre agentes como lo es la incertidumbre”, indicó el informe técnico en el que se basó la resolución.



Además, según “lo que surge de la literatura internacional sobre la existencia de mercados con información pública, se realizan algunas recomendaciones desde un punto de vista de defensa de la competencia a efectos de que la información sobre faenas de vacunos publicada por el INAC no constituya un elemento de control de posibles acuerdos entre empresas”, agregó. La comisión sugirió que la información que publica INAC “no sea individual ni actual, si no agregada e histórica”.

Consultado por El País al respecto, el presidente del INAC Federico Stanham dijo que “fuimos notificados de la recomendación” y “ese tema entrará a estudio en la junta directiva en los próximos días”.

Stanham remarcó que “n ese estudio que llevó prácticamente tres años, el dictamen es que no hay manejo de los precios coordinado entre los vendedores. No fue una denuncia sino una actuación de oficio”.ç

PARAGUAY

Avances para acuerdo con UE: impacto para Paraguay

19 de junio de 2019 Las negociaciones del Mercosur con el bloque de la Unión Europea (UE) ha tenido avances considerables y están llegando a un momento decisivo, que no había alcanzado aún en el largo proceso que lleva, y existe gran expectativa, señaló ayer el experto Gustavo Rojas, del Centro de Análisis y Difusión de la Economía Paraguaya (Cadep).

Habló en el contexto de la presentación del documento sobre “Sistema generalizado de preferencias al acuerdo de asociación, Paraguay y la Unión Europea”, que se hizo en el Hotel Crowne Plaza. También participó el economista Amílcar Ferreira.

Dijo que la UE se manifestó en los términos de que estaría dispuesta a realizar concesiones, aunque todavía sigue habiendo la presión de los productores agrícolas de Francia para un proteccionismo en ese rubro.

Explicó que con el régimen de arancel cero establecido por la UE, lo que más se exportó fue aceite de soja, productos de cuero, jugos de frutas, pero que fue cancelado.

Además, Rojas indicó que hay rubros en los que no tenemos mucha oferta exportable, por lo que se deberá trabajar en eso. Destacó que los productos más importantes son carne y soja, pero que existen rubros potenciales que pueden tener destacado impacto, tales como biodiésel, industrias de aceites, azúcar orgánica, carne, yerbas medicinales, químicos, industrias metalúrgicas, etc.

Buscan exportar carne porcina a Taiwán

21 de junio de 2019 El Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa) ya entregó toda la documentación técnica exigida por Taiwán para la apertura de ese mercado a los productos porcinos y las menudencias de bovinos provenientes de Paraguay, según reportó desde Taipéi el titular del ente, José Carlos Martín. El mismo integró la delegación oficial paraguaya que participó en Taiwán en eventos de promoción de la industria cárnica y en una feria internacional de alimentos. La misión nacional estuvo liderada por la ministra de Industria y Comercio, Liz Cramer.

Martín explicó que durante la reunión con las autoridades sanitarias de Taiwán, los técnicos del Senacsa aprovecharon para hacer consultas en relación al tiempo de caducidad para la carne refrigerada.

“El documento entregado contiene unas 140 páginas, se trabajó bastante para eso. Pero todavía se requiere esfuerzo para poder entrar a ese mercado”, comentó.

Agregó que también tuvieron una sesión en el consejo de agricultura de Taiwán. “Los chinos taiwaneses son bastante exigentes, los temas se profundizaron bien en lo técnico”, acotó.

Destacó que la delegación paraguaya fue recibida por la propia presidenta de la República de China Taiwán, Tsai Ing-wen, en el Palacio Presidencial.

Dijo que en esa oportunidad también se habló de los esfuerzos conjuntos para aumentar el flujo comercial entre ambos países y el impulso al acuerdo de cooperación económica que plantea la eliminación de aranceles de comercio para productos paraguayos, pendiente de aprobación en el congreso taiwanés.

La noche de la carne paraguaya en Taiwán

18 de junio de 2019 Mañana, miércoles, se inicia la Feria de Alimentos en Taipéi, capital de Taiwán, con la participación de representantes de la industria frigorífica de Paraguay, por medio de la Cámara de Carne, con un stand, reportó ayer desde esa parte del mundo Kornel Pauls, directivo de dicho gremio. Informó que como una previa a esa feria, y a sugerencia de la Embajada de Taiwán en Asunción, con apoyo de la Embajada paraguaya en Taipéi, ayer se desarrolló el evento denominado “Noche de la carne paraguaya”, en la ciudad de Kaohsiung, con auspicio de la Cámara Paraguaya de Carne.

En la ocasión, la ministra de Industria y Comercio, Liz Cramer, manifestó que con la elección del evento en Kaohsiung se demuestra que la industria paraguaya quiere introducir y hacer conocer su buena carne no solo en Taipéi, sino en todo el territorio de Taiwán.



También participó de la actividad el presidente del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), José Carlos Martín. Este manifestó en su discurso la gran importancia que tiene el mercado de Taiwán ahora para el Paraguay, ocupando el sexto lugar, y que con el acto de degustación se quiso colocar en lo más alto a la carne paraguaya en ese destino.

A su vez, César Ros, en representación del gremio, agradeció a la concurrencia y por la creciente importación de carne bovina y la posibilidad futura de que también la carne porcina pueda estar exhibida en ese importante mercado asiático.

Paraguay será sede de la Conferencia de carne sostenible

21 de junio de 2019 La Mesa Paraguaya de Carne Sostenible anunció que Paraguay será sede de la Conferencia Global de la Mesa Redonda Global de Carne Sostenible en octubre de 2020. El anuncio hizo ayer el consejo directivo de la citada mesa, en el local de la Fecoprod.

La reunión se hace cada dos años y reúne a 300 delegados de países e instancias que encararan de forma conjunta los desafíos de impulsar la sostenibilidad en toda la cadena de valor de la carne bovina.

La Mesa Sostenible promueve la visión de un mundo en el que todos los aspectos de la cadena de valor de la carne apunten a ser ambientalmente racionales, socialmente responsables y económicamente viables.

UNION EUROPEA

Acuerdo con la Unión Europea se cerraría con cuota cárnica de 99.000 toneladas

20/06/2019 - El Presidente de la Federación de Agricultura de Río Grande do Sul dijo que “el objetivo de las autoridades es que la semana que viene se haga el acuerdo o se lo abandone. Bolsonaro tiene la intención que el tratado se cierre”.

El presidente de la Federación de Agricultura de Río Grande do Sul (Farsul), Gedeão Pereira, dijo a Rurales El País que en esta semana se reunió con la Ministra de Agricultura de Brasil y confirmó que todos los Ministros del Mercosur viajarán a Bruselas en los próximos días para firmar el acuerdo comercial con la Unión Europea.

Explicó que algunos puntos “estarían resueltos”, por ejemplo la cuota de carne vacuna, pero señaló que hay otros, como las indicaciones geográficas y el ingreso de vinos europeos, que siguen siendo “un tema delicado”. De todos modos aseguró: “El objetivo es que la semana que viene se haga el acuerdo o se lo abandone. Bolsonaro tiene la intención que el tratado se cierre”.

En lo que refiere a la cuota de carne vacuna que Europa habilitaría a los cuatro países del Mercosur, el Presidente de Farsul dijo que “quedaría en 99.000 toneladas equivalente carcasa” y “no van a dejar pasar más nada”, “muy lejos quedó nuestro pedido de 270.000 toneladas”, expresó.

Una vez firmado el acuerdo, Pereira comentó que todos los integrantes del Foro Mercosur de la Carne (FMC) deberán sentarse en Montevideo y tratar de definir una “cuota interna” para la distribución de las 99.000 toneladas. En ese sentido, consideró que el criterio más justo “sería por la cantidad que cada país accede al mercado europeo”.

Países de Europa “preocupados” por eventual acuerdo con el Mercosur

19/06/2019 - El acuerdo comercial podría cerrarse a fines de junio.

Por Tardáguila Agromercados | Los líderes políticos de Irlanda, Francia, Polonia y Bélgica firmaron un documento que presentaron al presidente de la Comisión Europea, Jean Claude Juncker, advirtiéndolo su “profunda preocupación” por un eventual acuerdo comercial con el Mercosur y su potencial efecto negativo sobre la producción agropecuaria de sus respectivos países.

El portal GlobalMeatNews informó que la carta fue enviada a principios de esta semana. En la misma se advierte sobre el “impacto negativo” que las cuotas ofrecidas para la carne vacuna de los países del bloque sudamericano tendrían sobre los mercados europeos. El portal agrega que un acuerdo con el Mercosur podría sellarse sobre fin de mes.

La misiva de los cuatro países dice que “las cuotas de importación actualmente negociadas para la carne vacuna pueden amenazar a estos frágiles sectores en nuestros países, en especial en estos momentos potencialmente dramáticos por un Brexit desordenado”. Agrega que “la acumulación de cuotas negociadas en varios tratados comerciales firmados por la UE puede desestabilizar la producción y el sector agropecuario” europeo.

Para ello, los cuatro países recomiendan a la UE que tome medidas para “preservar la actividad de los productores y proteger la economía rural”, así como garantizar la calidad de los productos importados. Entre las medidas exigidas se incluye que las cuotas actualmente manejadas para carne vacuna, de cerdo y de pollo, así como para azúcar y etanol, no sean elevadas; exigir garantías para que se cumpla con las



exigencias sanitarias, fitosanitarias, de bienestar animal y ambientales de manera que las condiciones de producción sean “parejas” para todos los alimentos comercializados en la UE.

Además, solicitan que la certificación y el control de las cuotas sean ejercidos desde el lado de la importación y que se segmente a los productos de alto valor agregado, de manera que la importación de productos de alta calidad se mantenga en niveles mínimos.

Irlanda no debiera ratificar el acuerdo sostiene IFA

21 June 2019 EU - IFA President Joe Healy said Taoiseach Leo Varadkar must tell his fellow leaders at this week's EU Council that Ireland will not ratify a bad Mercosur deal.

"The time for sending letters has passed. It's now time for the Taoiseach to tell the other Member States that Ireland is not prepared to ratify a bad Mercosur deal. What is going on in allowing Brazilian beef into Europe, which has four times the carbon footprint of Irish beef, is hypocritical," he said.

The IFA President said he and Livestock Chairman Angus Woods would be travelling to Brussels to meet key officials and politicians to stop them throwing the EU beef sector over a cliff.

"As it stands, the proposals are very bad and will seriously damage our beef sector. The Taoiseach needs to plant our flag in the ground and say Ireland will not go along with the charade of a raft of climate actions in Europe, while encouraging the destruction of rainforests in Brazil," he said.

With the publication of the Climate Action Plan this week, it is completely contradictory to sign up to a deal that would bring in more beef from Brazil.

"The Taoiseach says that the Mercosur countries must comply with EU environmental standards. They don't, and both the Taoiseach and the EU Commission know this, because they have the evidence," he said.

The IFA President said, "In view of the major Brexit implications overhanging the Irish and EU beef sector and the environmental degradation associated with Brazilian beef exports, it would be reckless to support a Mercosur deal."

There is extreme concern in Brussels that EU Trade Commissioner Cecilia Malmstrom is pushing hard to try and finalise an EU/Mercosur deal in the next two weeks, before the end of the current Commission mandate, exploiting the political vacuum following the EP elections and before the next Commission is appointed.

"How can the Commission ignore the fact that in Brexit, the UK could impose tariffs as high as €850m pa on Irish beef and possibly the closure of market access for over 290,000t of our beef exports? The EU Commission Joint Research Centre conducted an assessment on the cumulative impact of trade deals which showed that increased imports from Mercosur could cost the EU beef sector €5bn to €7bn pa.," Mr Healy said.

EU Commission reports consistently prove that South American beef imports, especially imports from Brazil, fail to meet EU standards on traceability, food safety, animal health, environmental and labour law.

"The EU FVO report of May 2017 highlighted that the Brazilian competent authority is not in a position to guarantee that the relevant export requirements are met," Mr Healy said.

CHINA abre su Mercado al REINO UNIDO y ALEMANIA

Bloomberg June 17, 2019 China Is Starting to Open Up Beef Market to U.K. and Germany

(Bloomberg) -- Cattle farmers in Britain and Germany are among the latest winners from a shortage of meat in China. The U.K. and China reached a deal on Monday to allow British beef to be sold to the Asian country by year-end. That marks the first potential shipments since the 1990s, when British beef was banned amid an outbreak of mad cow disease. Germany last week also said that Chinese officials have pledged to speed up procedures for opening up beef trade. China is working to broaden its sources of meat as African swine fever spreads through its hog herds, slashing pork supplies in the world's top consumer. China's pork imports jumped 24% on the year to 135,517 tons in April. The nation is also considering lifting restrictions on pork from Russia and buffalo meat from India, according to the China Meat Association. "The Chinese market is going to be really important going forward," and the opportunity for beef is rising amid the pig disease outbreak, said Nick Allen, chief executive of the British Meat Processors Association. "It will take time to filter through. There's a long way to go yet before stuff starts to go." The U.K. beef deal is valued at 230 million pounds (\$289 million) over the next five years, though some approvals are still required from China's customs department, the U.K.'s Department for Environment, Food and Rural Affairs said in a statement. China also recently approved five British pork plants for export, with more possible by the end of the year, according to the agency. Germany's agriculture ministry said that China has agreed on steps to ensure pork exports remain possible if African swine fever spreads in Europe. The nation is Europe's top pork producer, and the virus has struck wild pigs in neighboring Belgium since last year. (Adds China pork imports in 3rd paragraph.) To contact the reporters on this story: Megan Durisin in London at mdurisin1@bloomberg.net; Aine Quinn in London at aquinn38@bloomberg.net To contact the editors



responsible for this story: Lynn Thomasson at lthomasson@bloomberg.net, Nicholas Larkin For more articles like this, please visit us at bloomberg.com ©2019 Bloomberg L.P.

The U.K. and China reached a deal on Monday to allow British beef to be sold to the Asian country by year-end. That marks the first potential shipments since the 1990s, when British beef was banned amid an outbreak of mad cow disease. Germany last week also said that Chinese officials have pledged to speed up procedures for opening up beef trade.

China is working to broaden its sources of meat as African swine fever spreads through its hog herds, slashing pork supplies in the world's top consumer. China's pork imports jumped 24% on the year to 135,517 tons in April. The nation is also considering lifting restrictions on pork from Russia and buffalo meat from India, according to the China Meat Association.

"The Chinese market is going to be really important going forward," and the opportunity for beef is rising amid the pig disease outbreak, said Nick Allen, chief executive of the British Meat Processors Association. "It will take time to filter through. There's a long way to go yet before stuff starts to go."

The U.K. beef deal is valued at 230 million pounds (\$289 million) over the next five years, though some approvals are still required from China's customs department, the U.K.'s Department for Environment, Food and Rural Affairs said in a statement.

China also recently approved five British pork plants for export, with more possible by the end of the year, according to the agency.

Germany's agriculture ministry said that China has agreed on steps to ensure pork exports remain possible if African swine fever spreads in Europe. The nation is Europe's top pork producer, and the virus has struck wild pigs in neighboring Belgium since last year.

Carnes Galesas mejoran sus perspectivas de venta

BBC Wales business correspondent

A UK-China deal which opens up beef markets for Welsh farmers for the first time in 23 years has been welcomed as an "exciting" opportunity.

It comes ahead of a two-day visit to Wales by Chinese vice premier Hu Chunhua.

China accounts for 2.2% of all Welsh exports but experts believe there is a potential for more.

The agreement to allow beef exports is estimated to be worth around £25m a year for Welsh meat producers.

Welsh exports to China have increased by 36% over the last two years - and it lies 9th in the list of Wales' top export destinations. Machinery and metals accounted for a third of the goods exported.

But agriculture is now expected to benefit. A protocol signed in London will provide "exciting opportunities" for Welsh beef farmers, according to the Wales Office.

China has now agreed to re-open its market for UK beef by the end of the year. It could be worth an estimated £230m for British producers over five years alone. A ban on UK beef imports was imposed in 1996.

More than a third of red meat produced in Wales is exported outside the UK, predominantly to the EU.

Welsh secretary Alun Cairns said: "This agreement demonstrates the growing confidence in our high-quality food and drink in every corner of the world and highlights the growing demand for Welsh beef in dynamic markets worldwide.

"As we leave the European Union, the UK government is determined to open access to new markets, ensuring that Welsh businesses can continue to grow and thrive."

Agriculture minister Lesley Griffiths added: "We remain optimistic that export barriers for lamb to China will also be lifted in the future and we will continue to support this ongoing work, given its significance to the Welsh economy".

The EU is still Wales' biggest export market by far, followed by the United States.

Although China accounts for 2.2% of trade, Prof Nicholas Perdakis of Aberystwyth University's business school said there was a lot of potential to increase this.

"China is growing very rapidly and there's a big market there for goods," he said.

"But in the future, trade relations might be determined by a number of things, in particular the UK's relationship with the US. If the UK wants a trade deal with China it's quite possible the US might either veto that or put certain blocks on how far they would go to trade freely with us."

Prevén incremento de £230 millones en exportaciones

AHDB 19 June 2019 CHINA - British beef could be served on Chinese dinner plates by the end of the year, following an agreement reached today between China and the UK.

The move could be worth an estimated £230 million for British producers in the first five years alone, and comes more than 20 years after the Chinese government imposed a ban on UK imports of beef in 1996.



The UK-China Beef Protocol was signed today by Farming Minister Robert Goodwill and the Chinese Ambassador to the UK Liu Xiaoming as part of the tenth Economic and Financial Dialogue (EFD) between the UK and China, securing market access for UK beef exporters by the end of 2019.

International Trade Secretary Dr Liam Fox said: "Today's step is welcome progress for our world-leading British beef producers, who will soon be able to export their products to one of the world's largest economies, supporting local jobs and bringing millions of pounds to the UK economy each year.

"This comes as a result of years of hard work across Government, including at the Department for International Trade, and marks the next step in realising our global trading ambitions with unbeatable British food.

"As we leave the European Union, we will continue to break down market access barriers to make it easier for UK businesses to trade across the world."

Farming Minister Robert Goodwill said: "This is a major coup for our world-class food and farming industry, and a landmark move which could be worth £230 million for British business in the next five years alone.

"Today's milestone reflects our ambition to maximise new trading opportunities across the world and become a truly Global Britain as we leave the EU."

The announcement comes after China recently approved five British pork plants to export products to China, which will build on a market which is already worth £70 million per year. AHDB Beef & Lamb says, "We look forward to further approval of qualified UK pork plants by the end of the 2019."

China is currently the UK's eighth largest export market for food and drink, with more than £610 million worth of products bought by Chinese consumers last year.

The UK-China Beef Protocol is the culmination of several years of site inspections and engagement between UK and Chinese government officials. China's ban was lifted in June last year when market access engagement for UK beef exports began.

The announcement follows a successful inspection hosted last week by Defra, the Animal and Plant Health Agency, the Veterinary Medicines Directorate, the Food Standards Agency, DAERA in Northern Ireland, the Agriculture and Horticulture Development Board (AHDB) and the UK Export Certification Partnership (UKECP), in conjunction with beef farmers and food business operators. This effort was facilitated by policy and trade teams at the Department for International Trade, both in assisting talks with Chinese officials, and supporting Chinese delegations visiting the UK.

AHDB's International Market Development Director Dr Phil Hadley said: "Today's announcement is fantastic news for our meat processors, who are set to benefit massively from the opportunities this new agreement presents.

"It comes after many years spent working tirelessly to reopen access for our beef exports and it's a real testament to the work of government and other industry bodies to make this happen. We look forward to seeing the first shipments leave the UK bound for China in the near future."

The UK-China Beef Protocol reflects the strength of Britain's relationship with China, and a mutual commitment to trade.

The UK's food exports continue to soar, with food and drink exports worth more than £22 billion last year. British food and drink businesses are now selling their products to 217 markets.

The Government continues to encourage and support businesses through its 'Food is Great' campaign as they consider launching into overseas markets or expanding their current global customer base.

Irlanda avança en negociaciones con JAPON y COREA DEL SUR

Fonte: GlobalMeatNews.com, traduzida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 19/06/19 - por Equipe BeefPoint

As ligações comerciais da indústria da carne entre a Irlanda, o Japão e a Coreia do Sul cresceram na sequência de uma missão do Departamento de Agricultura, Alimentação e Marinha à região.

Após as negociações, a Irlanda passou a ter acesso irrestrito à carne bovina ao Japão, bem como um princípio de acordo sobre o acesso à carne ovina.

A Irlanda também avançou no processo de acesso ao mercado coreano. O Ministro Creed disse: "As relações de trabalho com as autoridades coreanas são excelentes, graças ao envolvimento contínuo da Embaixada da Irlanda em Seul e do meu próprio departamento."

"No acesso à carne bovina, a Irlanda está agora no quinto passo de um processo de oito etapas na República da Coreia, e uma votação no Parlamento coreano será necessária antes de podermos avançar para a próxima etapa. Eu usei a oportunidade desta reunião com o vice-ministro Lee, e uma reunião técnica entre os meus funcionários e o Ministério da Segurança Alimentar e de Drogas (MFDS), para avançar no caso do acesso à carne bovina irlandesa e para esclarecer as questões envolvidas."

Este sucesso levou o governo irlandês a aumentar sua presença na região. "Além de abrir o novo escritório de Tóquio do Bord Bía, pude anunciar que o primeiro adido agrícola será designado pelo meu departamento para a embaixada de Tóquio neste outono", acrescentou Creed. "Este investimento na



Team Ireland no Japão apoiará o desenvolvimento do mercado alinhados com nossa estratégia Food Wise 2025”.

Tara McCarthy, CEO da organização irlandesa de alimentos Bord Bía, acrescentou: “Durante a semana, em mais de 13 eventos diferentes, clientes japoneses e coreanos mostraram um forte interesse na oferta de alimentos da Irlanda, particularmente na abordagem da indústria para a sustentabilidade através do programa Origin Green. Nossos seminários do setor em Tóquio e Seul forneceram o cenário ideal para mostrar aos principais importadores de alimentos, atacadistas, compradores e mídia como a indústria irlandesa pode trabalhar com eles para atender às demandas dos consumidores por alimentos de qualidade, seguros e produzidos de forma sustentável.

“O alto nível de engajamento entre exportadores e compradores da Irlanda é encorajador, e me garante que essas oportunidades se multiplicarão à medida que essas economias crescem, e sua consciência da Irlanda como fonte de alimentos e bebidas de qualidade aumenta paralelamente ao nosso acesso ao mercado.”

BREXIT: aprueban fondo de €100m para productores agropecuarios de IRLANDA

20 June 2019 EU - Following the passing of the EU regulation on the €100m Brexit beef fund in Brussels today, IFA President Joe Healy said Minister Creed must ensure the funding is paid out to the farmers who have incurred the losses and need it most, as soon as possible. He said the clearance of the regulation paves the way for the Department of Agriculture to pay out the funds to farmers.

"IFA is clear that the funding must go to farmers who sold prime finished cattle since last autumn, and to suckler farmers. We have set out six principles as regards how the funding should be allocated. This has received strong support at our eight regional meetings, the last of which takes place in Letterkenny tonight," he said.

"Minister Creed and the Department of Agriculture have to make their submission by 31 July. It should be done without delay and in a manner that will simplify the payments to farmers."

IFA National Livestock Chairman Angus Woods said IFA has written to Minister Creed setting out the six principles. They have expressed very strong views at the meetings, opposing any requirements in respect of production reduction or any other conditionality not related to the retrospective Brexit beef price losses.

The IFA six principles on the €100m Brexit Beef Fund are as follows:

The fund is for beef farmers and must be paid to beef farmers. It is not for factories, factory feedlots or factory owned cattle, agents or dealers;

The fund should be targeted to farmers who incurred the losses and the sectors who need it most in terms of income;

The money should be targeted to farmers who sold prime finished cattle since last autumn and sucker farmers. Prime cattle are steers, heifers and young bulls;

The fund must be paid out quickly and directly to farmers;

Finished cattle sold in the marts must be included;

DAFM has all the data on the AIMS system to enable accurate targeting of the funds.

21 June 2019 EU - EU Member States yesterday agreed to a proposal from the European Commission to make €50 million available to Irish beef farmers, which can be matched by national funds to reach a maximum of €100 million.

The establishment of the fund reflects the Commission recognition of the particular challenges facing the Irish beef and veal sector due to market uncertainty and an unprecedented and sustained period of low prices. This exceptional measure, provided under the Common Market Organisation of the Common Agricultural Policy (CAP), will offer support to the Irish farmers affected.

Due to the drop in prices, with a fall in margins estimated at 11 percent to 19 percent in the past year for the beef and veal sector, the Irish authorities have calculated that beef farmers have lost just over €100 million.

Agriculture and rural development Commissioner Phil Hogan said: "This fund is a recognition by the European Commission of the particular difficulties experienced by Irish beef farmers arising from significant prices falls and market uncertainty.

"The money made available by the EU, which may be matched by the Irish government, will protect a fragile but essential agricultural sector. Moreover, it will provide direct support to hard-hit farmers and will ensure the long-term viability of the Irish beef sector. The Commission will continue to monitor closely the overall market situation."

Once formally adopted by the Commission early next month, the Irish authorities will have until the end of July to design the criteria within a set framework for granting the aid. They must avoid the distortion of competition when distributing it.



One of the key objectives should be to ensure the beef and veal sector's long-term viability through, for example, the development of new markets, the implementation of quality schemes, or the improvement of farmers' environmental sustainability.

ESTADOS UNIDOS

Oferta fluida de hacienda

17 June 2019 US - Indications are that the US cattle feeding sector is "current", that is, animals have been marketed in a timely manner, and there is not a backlog of over finished/fed animals in feedlots, reports Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

That conclusion is based on weekly dressed weights in conjunction with quality grade data compiled by USDA's Agricultural Marketing Service (AMS).

The seasonal pattern in cattle (e.g., steer) dressed weight is pronounced, and the long-term trend is heavier. To a large extent, seasonality is driven by the weight and age (calf versus yearling) of animals when placed on-feed.

The seasonal low occurs when abundant supplies of calves placed in the fall month are being sold to packers who are supplying beef for spring grilling. But, year-over-year declines, as happened earlier this year, can be caused by severe winter weather and/or excessively muddy conditions.

Also, marketing rates are associated with dressed weights. For example, in much of 2017 and 2018, higher marketing rates kept weights from increasing on-trend.

For the week ending 1 June (latest data available), US Federally inspected (FI) steer dressed weight was down nine pounds year-over-year and unchanged compared to the prior week (see the graph below).

Steer weight is at or near its seasonal low but has occurred three to four weeks later than usual. Heifer dressed weights are similar to steers, note that the seasonal bottom usually happens two to four weeks after steers.

In the latest data, FI heifer dressed weight dropped by seven pounds year-over-year and by six pounds week-over-week (see the following graph).

In the olden days, yield grade data were used as an indicator or component when evaluating whether feedlots were current or not. However, those data are no longer reported to the AMS by most packing plants and are not representative of the bulk of fed animals being harvested. So, we rely on the quality grade data.

After adjusting for the trend of more cattle grading Choice and Prime, a lower percentage tends to indicate fewer days on-feed and rather aggressive sales. A sizeable above-trend increase often is the result of a backlog of market-ready animals.

Nationally, the latest data (week ending 1 June) on the percent of beef graded Choice was 70.2 percent, which was just over one percent below a year ago and was the fourth consecutive week below 2018's.

The Prime percentage has been increasing proportionally more than Choice. In the latest data, 7.2 percent was Prime; that was 0.9 percent above a year ago but was the smallest year-over-year gain in five weeks.

Sequía no estaría impactando sobre el mercado

21 June 2019 US - Drought pressure appears to be minimal for much of the country at this time and, combined with good moisture conditions earlier in the spring, it has resulted in one of the best pasture conditions of the last 25 years, according to Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

Each week USDA-NASS publishes the results of a national survey of crop conditions, including conditions across pastures and ranges. For the week ending 16 June, USDA reported that 56 percent of the pastures and ranges across the country were in good condition and another 15 percent were in excellent condition.

Last year, only 48 percent of pastures and ranges were in good/excellent condition, 23 points lower than this year. Alternatively, just one percent of pastures, mostly in California, were rated to be in poor condition. The chart below shows both the best and worst rated years for the last 25 years, outlining the range of conditions during the last two and a half decades.

So far this year we are tracking pretty close to the high end of the range (1995). The year that appears most comparable to current conditions in terms of pasture ratings is 2010. For cattle market participants, the combination of forward price risk for livestock feed, especially corn and excellent near term pasture conditions present some interesting questions.

High forward feed costs directly impact the price feedlots are willing/able to pay for calves during the summer and fall. Higher cost of gain in the feedlot and plentiful grass make it economically desirable to try and add as much weight on calves as possible outside the feedlot, potentially resulting in a slowdown of placements in the short term and calves placed at heavier weights down the road. The net effect could be a slowdown in the cattle flow and lower slaughter rate.



But just because pasture conditions are excellent does not always mean a significant shift in the rate of placements, there are plenty of other factors that will impact placements. The chart below looks to illustrate the generate trend in placements during the year by taking the monthly placements as a share of total placements for the year.

Naturally the lowest placements for the year take place during June and July as more calves are spending time in pastures and ranges, limiting the number going into feedlots. All the gray lines represent performance during the past 25 years, basically illustrating the seasonal tendency. However, we outlined the three years that had the best pasture conditions during Jun/Jul/Aug and the share of monthly placements vs. the annual average during that time.

In 2010, the placement rate during the first half of the year was relatively low, resulting in more feeders available for placement during Aug/Sep. On the other hand, in 2015 and 2016, relatively higher placements earlier in the year and good pasture conditions limited the number of cattle placed during summer and fall months.

The difference between those years and today is that there was significantly less corn price risk. Should we expect a significant shortfall in placements in the short to medium term? It is possible but other factors play a role, especially the long run outlook for fed cattle going forward.

If the rise in feed costs is not accompanied by a notable increase in future fed cattle prices, then the cow-calf producer will get squeezed, resulting in more heifers going to market and thus adding to the number of cattle placed on feed. Already it appears that herd expansion has come to an end. Without a significant material improvement in returns for 2020 (via higher future fed cattle values), higher feed costs may accelerate cow herd liquidation.

Mexico aprobó el Nuevo NAFTA

June 20, 2019 Mexico becomes the first country to approve the U.S.-Mexico-Canada Free Trade Agreement.

Mexico's Senate has ratified the United States-Mexico-Canada Agreement (USMCA) agreed last year by the three countries to replace the 25-year-old North American Free Trade Agreement (NAFTA).

The trade deal negotiated between 2017 and 2018 after U.S. President Donald Trump threatened to withdraw from NAFTA, was ratified with 114 Senators voting in favor and four against. There were three abstentions.

Mexican President Andres Manuel Lopez Obrador favored the trade deal, and his leftist National Regeneration Movement (MORENA) and its allies have a comfortable majority in the 128-member chamber.

There has been little parliamentary opposition in Mexico to trying to safeguard market access to United States, by far Mexico's most important export market, and the deal was backed by nearly all the opposition lawmakers who voted.

Canadian Prime Minister Justin Trudeau is expected in Washington, D.C. this week, as part of an effort to ratify the USMCA. Analysts expect the trade package to be approved by Canadian lawmakers, too.

While Trump has pushed for a quick passage of USMCA, House Democrats want more time to review the agreement. The agreement must first pass the U.S. House before the Senate can consider the agreement.

USMEF promocionó en UEArabes cortes alternativos y participó en ferias en VIETNAM y COREA DEL SUR

14 June 2019 UAE - US beef short ribs, minced beef, brisket, flank and tenderloin cube roll were among the alternative cuts promoted by USMEF during a training for hotel, restaurant and institutional (HRI) sector professionals in the United Arab Emirates (UAE).

With funding from the Beef Checkoff Program, USMEF partnered with the Emirates Culinary Guild (ECG) to educate more than 90 food professionals, including major importers of US, USMEF is a subcontractor of the Beef Checkoff.

Chefs from various emirates such as Sharjah, Umm Al Quwain, Fujairah and Abu Dhabi participated, as well as junior chefs from the International Centre for Culinary Arts.

Staff from Gulf Gourmet magazine, a leading publication for professional chefs in the Middle East, covered the event for one of its upcoming issues.

Bassam Bousaleh, USMEF representative in the region, presented an overview of USMEF and its activities in the Middle East.

He emphasized key selling points that differentiate US beef from competitors and the overall quality of US beef, while also pointing out food safety standards and explaining how the USDA grading system ensures product consistency.

Chef Uwe Micheel, director of kitchens at Radisson Blu and president of the ECG, shared his experiences with US beef and emphasized the importance of proper meat handling. A subsequent product showcase included tips for proper profiling and cutting. A question-and answer-session followed.



Several live cooking stations were manned by participating chefs, who prepared innovative recipes using US beef cuts. The workshop concluded with a buffet dinner featuring dishes made with these cuts.

"The workshop was a success in that it helped educate attendees who lacked knowledge of US beef," said Mr Bousaleh.

"The cooking demonstrations, along with the question-and-answer sessions, were appreciated and made the workshop more interactive and useful.

"In addition to acquiring hands-on experience and exposure to various grades and cuts of US beef, participants enjoyed the unique taste of the product.

"These activities are crucial for spreading US beef's key messages among personnel in the foodservice sector while encouraging cooperation with importers to increase sales of US beef in the UAE."

17 June 2019 VIETNAM - Working to distinguish US pork and beef from competitors' products while building relationships with traders and foodservice operators in a fast-growing market, USMEF participated in the 2019 edition of Food and Hotel Vietnam.

Funded by the USDA Market Access Program (MAP), the National Pork Board and the Beef Checkoff Program, the effort included coordination of meetings between USMEF members and importers, culinary competitions and a US product showcase featuring US beef and pork cuts.

USMEF is a contractor of the National Pork Board and a subcontractor to the Beef Checkoff.

More than 700 exhibitors from 29 countries took part in the biennial trade show, which attracted 14,000 visitors – a 7 percent increase from 2017 – to the Saigon Exhibition and Convention Center in Ho Chi Minh City.

Along with the US, countries with their own pavilions included Australia, Belgium, Canada, China, Denmark, France, Germany, Ireland, Korea, Malaysia, Poland, Russia, Singapore, Spain, Taiwan and Turkey. The US Pavilion was the largest, with 25 companies and cooperators promoting products.

"With all of this competition at Food and Hotel Vietnam, it has become one of the most important shows in the region when it comes to creating awareness for US pork and beef, especially given the increasing demand for imported meat in Vietnam and some of the surrounding countries," said Sabrina Yin, USMEF director in the ASEAN, who noted that Vietnam's strong tourism industry has fueled the rapid development of its foodservice sector.

She explained that between 2010 and 2018, the number of international tourists in Vietnam tripled from 5 million to more than 15 million, and 18 million international guests are expected in 2019.

"At the same time, Vietnam has a bustling population of younger people, the fastest growing middle class in the ASEAN region and rising levels of disposable income," said Ms Yin.

"With these cultural and demographic changes, consumer preferences in Vietnam have shifted toward Japanese, hot pot and barbecue cuisines. Those types of dishes provide opportunities for US red meat."

Officials from the US Embassy participated in the show, including Consul General Mary Tarnowka, Agricultural Counselor Robert Hanson and Agricultural Attaché Gerald Smith.

At the USMEF booth, cuts displayed included US beef short ribs, ribeye, striploin, outside skirt, top blade, short plate and rib fingers, along with US pork belly, spareribs and a variety of bratwursts. Tasting samples of various dishes were served to visitors.

"We also distributed US beef and pork meat charts and a wide range of informational brochures on US red meat and red meat products," said Nguyen Dang Minh, USMEF representative in Vietnam.

"We were able to talk to several existing customers and made contact with many new potential customers. We also discussed the current market situation in Vietnam."

Food and Hotel Vietnam also received considerable media coverage in local newspapers and magazines, on TV stations and through online reporting.

A US product showcase and reception were held for traders and buyers unable to attend the show. That event, held at the Sheraton Saigon Hotel, attracted 300 guests. US beef chuck roll roast and US roast pork loin were served.

USMEF also sponsored three sessions of the Vietnam Culinary Challenge, with US beef rib finger and US boneless pork loin as the featured cuts.

Young chefs from hotels and restaurants in Vietnam, as well as student chefs from culinary institutes in Taiwan and Malaysia, participated in the competition.

"The Challenge provided a platform for US beef and pork to be used in an array of dishes infused with creative touches – and it was also a chance for the young chefs to have a hands-on experience in utilizing US beef and pork," said Nguyen.

"This event provided excellent exposure for US red meat to be featured in a world-class cooking competition."



20 June 2019 - Placing a special emphasis on home meal replacement (HMR) and other convenience-style meal kits made with US pork and beef, USMEF participated in Seoul Food 2019, the largest food trade show in South Korea and one of the top four in Asia.

Funded by the USDA Market Access Program (MAP), the National Pork Board and the Beef Checkoff Program, the effort included tastings of US pork belly, collar butt and processed pork items, along with US beef chuck eye roll, top blade, tenderloin and striploin.

USMEF is a contractor of the National Pork Board and a subcontractor of the Beef Checkoff.

A short video showing activity at the USMEF booth during this year's Seoul Food can be seen [here](#).

This year's show attracted more than 1,500 exhibitors and 55,000 attendees. USMEF's booth featured a special area where various meal kits were displayed. Harry Harris, US ambassador to South Korea, visited with USMEF staff on the first day of the show and enjoyed samples US beef chuck eye roll.

"Seoul Food is the best venue to introduce new US red meat cuts and dishes to customers and talk business with the largest food importers to learn what they are thinking, which products are currently in demand and what will be in demand in the future," said Jihae Yang, USMEF director in Korea.

"This year we highlighted HMR kits using US pork and beef. We also included a display with portion-controlled meat items and processed pork items to provide distributors and buyers with various options to help them meet demands of Korean consumers who are looking for time-saving and cost-saving meal options and ideas."

Yang said Korea's HMR market more than doubled between 2011 and 2018 and the meal kits are gaining more popularity in Korea as the number of single-person households increases.

"Convenience has been a key word for the last few years, due to continuous lifestyle changes for Koreans who now have great demand for convenience foods," said Yang. "This demand for HMR and meal kits is driving a demand for meat products, so we have been working hard to demonstrate how US pork and beef are great centerpieces for these kits."

Many of the HMR and meal kits showcased by USMEF are current sold at leading retail stores in Korea, such as Costco, Homeplus and Emart — and through major Korean e-commerce sites like Coupang.

USMEF also displayed portion-controlled US beef and pork cuts and processed pork items supplied to institutional catering companies throughout Korea.

Information sheets and brochures were distributed to show visitors and USMEF received many inquiries about specific US pork and beef products and suppliers.

CHINA

Escasez de almacenamiento por incremento de importaciones de carnes porcinas

Bloomberg June 18, 2019 (Bloomberg) -- China's scramble to import as much meat as possible to compensate for the drop in pork supply from a pig-killing disease has left it with a big problem: Cold storage space at its major ports is running out.

Importers have stockpiled a large amount of meat -- mostly pork and beef -- and chilled storage at ports including Tianjin, Shanghai and Dalian is now almost full, said Wang Zhen, an official at China's Cold Chain Logistics Subcommittee, an industry group.

The meat is likely to be stored at the ports through to the end of the year in anticipation of the country's peak consuming season, Wang said. Fresh sizable shipments will have to wait until buyers can find storage place, she said.

"Importers are trying to move the meat to inland areas to store it, but it's more expensive as they plan to store the meat for months until mid-autumn or spring festivals," Wang said. Inland storage facilities are only for temporary use, and costs are higher than those at ports, she said.

The lack of capacity may limit opportunities for global meat producers, who have been working to strike export deals with China. The U.K., Germany, Russia and India are just some of the countries that are seeking to sell China more meat, while shipments from poultry-giant Brazil have surged this year. China bought a record amount of meat in April as African swine fever causes the slaughter of million of hogs in the world's biggest pork market.

Tianjin Zhongyu Real Estate Co., the largest storage facility operator in the Tianjin area, said cold space at some major ports are almost fully occupied. In Tianjin alone, about half a million tons of meat is in cold storage.

Large meat shipments to China may need to wait to find space until domestic meat prices rise further or until September or October, when some of the stored meat may be sold, said Cao Guoliang, an operation manager at Zhongyu.

"Most of the importers bought the meat in March and April, and they are likely to release the stocks when they see a profit of say 3%-5%," said Cao. Current prices are not profitable for them to sell, he said. Lean hog futures in Chicago had surged to the highest in five years in April, but have since fallen 17%.



Spot prices for pork in China's Chengdu region traded at 16.2 yuan per kilogram on Tuesday, down from as much as 21.2 yuan in December.

Brazil's pork exports to China surged 51% year-on-year in May, while chicken shipments jumped 49%. China also lifted a temporary ban on Brazilian beef that had been adopted after a case of mad cow disease was reported in the Latin American country.

China's pork prices are likely to surge to a record in the second half of this year as farmers hold off on restocking their herds for fear of swine fever.

China mantendrá derechos sobre granos importados de EE.UU.

19/06/19 - por Equipe BeefPoint A China decidiu manter tarifas antidumping e antissubsídios sobre os grãos secos destilados importados dos Estados Unidos, que são utilizados para alimentação bovina. A decisão do governo asiático ocorre após os pedidos de revisão da aplicação das tarifas, que são impostas desde 2017, sugeridos pelo Conselho de Grãos dos EUA, informou o Ministério do Comércio chinês, na manhã desta quarta-feira, 19.

A entidade norte-americana justificou o pedido alegando as mudanças no mercado chinês e as preocupações com o interesse público. Com a nova decisão, as tarifas antidumping de 42,2% a 53,7% e as tarifas antissubsídios de 11,2% a 12% sobre os grãos secos destilados dos Estados Unidos terão vigência até 2021.

O Ministério do Comércio da China disse que, após uma investigação de dois meses, notou-se a necessidade de manter as tarifas porque se a aplicação fosse encerrada o produto norte-americano poderia voltar a ingressar em volume expressivo no mercado chinês. O Ministério citou dificuldades enfrentadas por alguns produtores domésticos, apesar das tarifas sobre os concorrentes norte-americanos.

O governo chinês informou, ainda, que iniciou uma investigação antidumping sobre a borracha de etileno-propileno-dieno-monômero oriunda dos EUA, da União Europeia e da Coreia do Sul. O órgão disse que a apuração sobre a borracha sintética, utilizada em uma variedade de indústrias, como automóveis e construção, terá duração de pelo menos um ano.

As medidas ocorrem em meio ao acirramento dos conflitos comerciais entre China e Estados Unidos. Segundo o presidente norte-americano, Donald Trump, ele e seu correlato, o presidente chinês Xi Jinping, se reunirão durante o G-20, semana que vem no Japão, para discutir o impasse comercial entre os dois países.

Demanda china incrementó las exportaciones de hacienda en pie de AUSTRALIA

20 June 2019 Key stats

Year-to-date live export of breeder cattle is up 89%, predominately led by China

Increased exports of feeder cattle to the Indonesia (241,000), Vietnam (19,000), and Israel (39,000)

Highest year-to-May live cattle export since 2016, at 484,000 head

The export of feeder cattle saw a spike in May, with exports showing the effects of the season, as consistent supply largely reflects the impact of a disappointing wet season. The 84,000 head of feeder cattle shipped in May was the highest monthly consignment since October last year (89,000 head). So far in 2019, feeder cattle exports have increased 25% compared to the same period in 2018, supported by the aforementioned season and a return to a more affordable price point for feeder steers out of Darwin.

Indonesia has taken the majority of this supply, accounting for 241,000 head of the 329,000 feeder cattle total. Feeder shipments in May (63,000 head), will have helped to replenish feedlot inventories, post the peak demand period during Ramadan and Eid ul Fitr (3–4 June).

Israel has also taken more feeder cattle in 2019 compared to 2018, at 39,000 head, while Vietnam has also increased intake of feeder cattle at 19,000 head for the calendar year-to-May.

The other major increase in 2019 has been breeder cattle exports. So far in 2019, live breeder cattle exports are up 89% to 68,000 head, compared to the same period in 2018. China accounted for 67% of all breeder shipments so far in 2019, with exports to the market up 85%, to 46,000 head for the calendar year-to-May.

Sheep

Year-to-date live sheep exports totaled just over 700,000 head, down 4% on the same period through 2018, as the trade now enters the northern summer (June - August) shut down. Kuwait has been the largest market so far in 2019, with 239,000 head exported, a significant portion of the total. A total of 38% or 90,000 head were shipped here in May.



MYANMAR – proveerán infraestructura para facilitar comercio de ganado con CHINA

14 June 2019 MYANMAR - The government should set up suitable holding pens for cattle on the Myanmar side that will help lower the costs of transportation for the overland cross-border trade with China.

Currently, China buys one million head of cattle from Myanmar on a quota system with discussions over an agreement ensuring more stable demand being held. Points of discussion include demand that cattle health conform to World Organisation for Animal Health standards.

Myanmar Livestock Federation for Mandalay chair U Kyaw Htin said while an agreement with the Chinese would soon be signed, the government should support the building of cattle pens in a suitable location rather than rely on the overland trade with China at Muse.

He said costs could be lowered on the Myanmar side should there be such pens as cattle would only be transported to the border on demand.

"No cattle will pile up at the border while waiting for Chinese buyers, should there be demand, we will transport it," U Kyaw Htin said.

VIETNAM: sacrificó 2.5 millones de cerdos para evitar avance de Peste Porcina Africana

18/06/2019 Iniciativa visa conter o avanço da peste africana

O Vietnã sacrificou mais de 2,5 milhões de suínos para conter a disseminação de um surto de peste suína africana que ameaça infectar todas províncias do país, segundo reportagem veiculada nesta terça-feira pela agência Reuters.

O vírus foi detectado pela primeira vez no Vietnã em fevereiro, e espalhou-se desde então por 58 das 63 províncias do país, segundo informou à Reuters o chefe de epidemiologia do Departamento de Saúde Animal do Vietnã, Nguyen Van Long.

Um outro representante do departamento disse à Reuters que é “uma questão de tempo” até que o vírus chegue a todas as províncias.

Em março, a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) aconselhou o Vietnã a declarar o surto de peste suína como uma emergência nacional.

“Nós não vamos declarar o surto como emergência nacional, uma vez que o vírus não causa danos a humanos e o surto não representa uma ameaça à segurança nacional”, disse Long à Reuters por telefone. A carne suína responde por três quartos do consumo total de carne no Vietnã, um país de 95 milhões de pessoas onde a maior parte do rebanho de 30 milhões de suínos criados em fazendas é consumida internamente.

O Vietnã disse no mês passado que iria mobilizar seu exército e forças policiais para ajudar a combater o curso, pedindo para que as pessoas não deixem de consumir carne suína.

EMPRESARIAS

Brasil Foods busca reorganizar el negocio cárnico y mejorar desempeño

17/06/2019 Buscan volver a los “niveles históricos de márgenes”.

El director ejecutivo (CEO) y presidente del Consejo de BRF, Pedro Parente, afirmó en el marco de un evento en Rio do Janeiro que el plan de la compañía para 2019 es reorganizar los negocios para que la empresa tenga un alto desempeño en los próximos años.

Según publicó el boletín de la Asociación Brasileña de la Industria Frigorífica (Abrafrigo), “para 2020 vamos a combinar el liderazgo, la innovación y la fuerza financiera para volver a los niveles históricos de márgenes”, afirmó el ejecutivo.

Adelantó que para 2021 “la idea es superar esos márgenes trayendo alternativas de crecimiento en la organización”. Parente participó en la conferencia en el Congreso Mundial de Cámaras de Comercio. Al citar alternativas de crecimiento en la organización, se refirió a futuros acuerdos en el mercado halal, con productos especiales para los musulmanes. La estrategia envuelve asociaciones que permitan subir la producción sin que eso represente nuevas adquisiciones, que redunden en el incremento del endeudamiento de la empresa.

Parente no hizo comentarios sobre el plan de unión entre BRF y Marfrig, que los convierte en una de las empresas productoras de proteína animal más grandes del mundo y les permite a las dos empresas una mejor competencia con el grupo JBS, el principal productor mundial de proteínas de origen animal.

A fines del mes pasado las empresas informaron al mercado que comenzaban a discutir un posible proceso de fusión. Si los papeles son aprobados y para eso hay un plazo de 90 días, la empresa será la cuarta mayor productora mundial de carnes, con ventas en el orden los 80 mil millones de reales. Ya en ese anuncio de la posible fusión se hacía referencia a potenciar el mercado halal.



Fitch elevó rating de JBS de “BB-” a “BB”

18/06/19 - por Equipe BeefPoint A agência de classificação de risco Fitch Ratings elevou hoje o rating global da JBS “BB-” para “BB”, com perspectiva estável. O rating em escala nacional foi elevado de “A (bra)” para “AA+ (bra)”.

De acordo com a agência, a atualização reflete a desalavancagem esperada da JBS e a forte geração de fluxo de caixa livre e maior flexibilidade financeira devido à gestão recente de passivos.

A Fitch ainda destacou que o perfil de negócios da JBS é forte devido ao seu tamanho, diversificação geográfica e proteíca em suínos, aves e bovinos. A agência destacou que a empresa é a mais diversificada geograficamente no setor de proteínas devido à sua forte presença na América do Norte, América do Sul, Austrália e Canadá.

“Essa diversidade geográfica permite que o grupo reduza a volatilidade dos negócios inerente ao setor”, afirmou a agência por meio de nota.

A Fitch espera que a JBS continue a se desalavancar devido à forte geração de fluxo de caixa livre, devido ao forte desempenho da empresa em suas operações nos EUA, Canadá e Austrália. Essas operações representaram cerca de 80% do Ebitda ajustado de 2018, de R\$ 14,9 bilhões.

Em comparação aos concorrentes brasileiros, a Fitch avalia que a JBS tem uma posição favorável do ponto de vista de risco de negócios ante Marfrig Global Foods (“BB-”, com perspectiva estável) e Minerva (“BB-”, com perspectiva estável).

Por outro lado, o índice de alavancagem da JBS continua maior do que a das americanas Tyson Foods (“BBB”, com perspectiva estável) e Smithfield Foods (“BBB”, com perspectiva estável).

Os ratings da JBS também refletem questões litigiosas em andamento relacionadas a investigações de corrupção e incerteza em relação a possíveis multas, que podem prejudicar o perfil de crédito da empresa e o acesso ao mercado de capitais.

JBS invirtió R\$ 45 millones en establecimiento de MG

14/06/19 - por Equipe BeefPoint A JBS investiu R\$ 45 milhões na ampliação de sua planta de Ituiutaba (MG). O aporte, realizado nos últimos meses, permitirá um incremento de 50% na capacidade produtiva da unidade da Friboi. O investimento tem como objetivo atender aos principais mercados importadores, como Europa, Oriente Médio, China e Chile, além do mercado interno.

As reformas incluem modernização de equipamentos e implantação do projeto que permite um melhor fluxo para aumento da produção. Em função da expansão, a Companhia iniciará um segundo turno de trabalho na unidade e, ao longo do segundo semestre, abrirá 700 novos postos de trabalho na cidade.

“O incremento no volume da produção da planta de Ituiutaba a torna ainda mais estratégica no atendimento a todas as nossas certificações de exportação. Além disso, os novos postos de trabalho nos tornarão uma das principais empresas empregadoras da região, o que é motivo de muito orgulho”, Renato Costa, presidente da Friboi.

A unidade da Friboi está na lista de plantas a serem habilitadas para exportação de carne bovina in natura aos Estados Unidos e recebe, nesta sexta-feira, uma comitiva do país.

Empresa china Dakang evalúa proyecto ganadero em BRASIL

17/06/19 - por Equipe BeefPoint Quase um ano depois de iniciar a reestruturação financeira e operacional da mato-grossense Fiagril, a chinesa Dakang International Food & Agriculture, braço agrícola do grupo chinês Pengxin – que faturou quase US\$ 2 bilhões no ano passado – avalia novas aquisições no país.

Em entrevista ao Valor durante evento no interior de São Paulo, Richard Fan, vice-presidente da Dakang, afirmou que “está de olho” em muitas áreas, mas que tem mirado com especial atenção a bovinocultura.

“Temos um projeto gigante de bovinos e vemos oportunidades significativas no Brasil”, disse ele.

Mas, antes de fazer novos investimentos, a Dakang quer ter a certeza de que o desempenho está dentro dos conformes. “Estamos de olho, mas nossa agenda principal ainda é ter certeza de que nossos investimentos existentes sejam ainda mais bem sucedidos e rentáveis para a Dakang para termos suporte para novos investimentos”.

Há motivos para tanta cautela. A distribuidora de insumos Fiagril começou a colher os primeiros frutos da reestruturação que vem sendo feita desde meados de 2018. A distribuidora é controlada pela Dakang desde 2016. No ano passado, a Fiagril lucrou R\$ 52 milhões, resultado bem melhor que o de 2017, quando amargou um prejuízo de R\$ 10 milhões. Porém, como efeito colateral da reestruturação, a empresa ficou menor e viu a receita diminuir mais de 20%, passando de R\$ 3,4 bilhões para R\$ 2,7 bilhões.

Por sua vez, a paranaense Belagrícola, adquirida pela Dakang em 2017, também saiu de um prejuízo líquido em 2017 (R\$ 90 milhões) para um lucro de R\$ 100 milhões em 2018. A receita cresceu 27% na comparação, para R\$ 670 milhões.



“Se a Dakang vir uma grande oportunidade, vai aproveitar. Quando e como fazer o investimento é o tipo de coisa que eu não posso falar”, disse Fan, que assegurou a intenção da empresa de fazer novos investimentos no país.

Fan reforçou, ainda, o desejo de ter nas empresas já adquiridas uma fonte direta de fornecimento de grãos para a China, sem o intermédio das grandes tradings. As duas distribuidoras têm hoje capacidade anual para originar 6 milhões de toneladas.

“Também olhamos ativos em áreas como açúcar, algodão e mesmo suínos, que é uma oportunidade que está emergindo para o Brasil”, afirmou, em referência à crise gerada no gigante asiático pela epidemia de peste suína africana. Estimativas do segmento apontam queda de 30% do plantel de suínos no país. Além disso, a guerra comercial entre Washington e Pequim segue abrindo espaço para vendas brasileiras de carne suína, soja, milho e algodão na China.

Neste ano, a Dakang conseguiu uma linha de financiamento para giro operacional de US\$ 300 milhões do Banco de Desenvolvimento da China, que serão utilizados de 2019 a 2021 no Brasil. “Não é tão fácil, para eles, dar um suporte para uma companhia como a nossa. Mostra o interesse no país”, disse.

URUGUAY: Frigoríficos PUL y Tacuarembó no realizarán faenas en julio

19/06/2019 - Las empresas brasileñas determinaron otorgar licencia al personal, ambas plantas totalizan el 13,9% de la faena anual.

Las brasileñas Grupo Marfrig y Minerva Foods, las principales empresas frigoríficas instaladas en Uruguay, determinaron cerrar una planta cada uno (Frigorífico Tacuarembó y Frigorífico PUL, respectivamente) en julio para otorgar licencia anual al personal, publicó Tardáguila Agromercados.

En el acumulado anual Frigorífico Tacuarembó es la fábrica de mayor faena con 95.724 cabezas (50.250 novillos, 37.554 vacas y 5.509 vaquillonas), el 8,4% del total. En el caso de Frigorífico PUL, se ubica octavo en el ranking anual con 62.883 reses (27.086 novillos, 32.223 vacas y 2.711 vaquillonas), el 5,5% del total.

Según explica Tardáguila Agromercados, Marfrig tiene previsto que Colonia —cerrada en junio— retome la actividad a partir del 1 de julio, en tanto Tacuarembó estará realizando sus últimas faenas la semana próxima y luego estará parada un mes. Podría haber algún cambio en esta planificación debido a que Inaler estuvo sin actividad esta semana por algunas fallas mecánicas.

Mientras que Minerva también decidió que el 1 de julio se suspende la actividad de Frigorífico PUL por un mes, otorgando licencia a su personal. La dirección de la empresa todavía no definió cómo seguirá el cronograma de cierres, pero debe otorgar la licencia anual en las otras dos plantas de su propiedad, Carrasco y Canelones.

BOLIVIA: Los frigoríficos solo aguardan informe de China para poder exportar carne

21 de junio de 2019 Fridosa y BFC destacan las negociaciones y esperan conocer los volúmenes de la demanda. Fegasacruz considera que pueden duplicar la actual oferta exportable.

Ya en la recta final. Luego de meses de negociaciones entre las autoridades bolivianas y sus pares chinas, los frigoríficos calificados para enviar sus productos al ‘gigante’ asiático solo esperan la autorización oficial de Pekín para iniciar las exportaciones de carne de res.

Cabe recordar, que el 24 de abril, Juan Evo Morales, jefe de Estado, anunció la firma de un protocolo en el que se acordaba la venta de carne de res a China, un mercado de aproximadamente 1.400 millones de personas.

El canciller Diego Pary y el ministro de la Administración General de Aduanas de China, Ni Yuefeng, en aquella oportunidad firmaron el protocolo que tiene una duración de cinco años y que se puede ampliar por otros cinco, si así lo desean las partes.

Sobre el tema, Jaime Barrenechea, gerente general de Fridosa, explicó que están a la espera de un comunicado oficial de la Aduana de China, para dar por concluida la etapa de las negociaciones y poner en marcha la exportación de la oferta cárnica que tiene el país.

El ejecutivo, además, manifestó que aún no saben qué volumen de carne de res exportarán al ‘gigante’ asiático porque antes deberán conocer las características de ese mercado que tiene gustos particulares y que Fridosa deberá poder satisfacer.

“Vamos a esperar a tener información oficial para poder determinar los pasos a seguir. Sin dudas que es una gran oportunidad para el país poder entrar al mercado chino”, subrayó el gerente general de Fridosa.

Mientras que, Paulo Macedo, gerente general de BFC, el frigorífico que opera en San Ignacio, indicó que hasta no tener el comunicado de la Aduana china no realizarán ninguna proyección de venta externa.

El ejecutivo destacó el avance en las negociaciones que vieron el aspecto sanitario, el sistema de producción, la logística de transporte y la infraestructura instalada en los frigoríficos, aspectos que las autoridades chinas evaluaron y que, a criterio de Macedo, fueron determinantes para lograr un primer acuerdo que se debe refrendar para iniciar la actividad comercial.



“En la actualidad en el frigorífico se faenan 320 reses, con esta cantidad atendemos la demanda interna. Una vez autorizada la venta de carne a China, nuestra capacidad aumentará porque el objetivo es la exportación sin descuidar el mercado interno”, aseguró el gerente general de BFC.